2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 9. QUINTA FEIRA, 7 DE NOVEMBRO DE 1850. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

INDUSTRIA TYPOGRAPHICA.

111 Por uma noticia, publicada no *Ecco dos Operarios* n.º 26, e por uma correspondencia posteriormente publicada no mesmo jornal, consta, entre outros abusos, que os operarios typographicos estão sendo victimas do atrazo de seus salarios em algumas typographias de Lisboa. Na frente das casas, que estão em falta tão sensivel para com os seus operarios, é apontada a *Imprensa Nacional* com um atraso irregular, o qual nos informam ser de 6, 5 e 4 ferias. A proposito da correspondencia do Sr. Teixeira, já ahi começa outra anonyma, assignada por um X, a correr a *via sacra* de ser reproduzida por todos os jornaes. Deixemol-a em paz. A nossa questão é outra. Se querem, a Imprensa Nacional é a primeira do mundo, os seus empregados são uns santos e possuem intelligencia superior; mas, apezar de tudo isso que lhes concedemos, e ainda muito mais se quizerem — é nossa opinião, que a Imprensa Nacional, pela sua organisação, é uma das mais poderosas causas do vergonhoso atraso em que está a nossa industria typographica, e da precaria situação dos seus operarios.

Em o nosso regimen industrial, as typographias não podem ter desinvolvimento, nem se podem aperfeiçoar. Pesa sobre ellas — o Estado como empresario, cercado com um cortejo de privilegios e de monopolios.

Vemos com prazer os esforços, com que a arte typographica tenta quebrar as cadêas, que a prendem á sua escravidão legal; mas temos visto, com pezar, que a questão não vem para este ponto, que é o fecho da abobada do carcere em que se fina. E a questão é esta, e não póde ser outra.

Politicamente, o Governo precisa, para certas publicações, de uma imprensa sua.

Adoptamos o principio; mas queremos que esse estabelecimento, formando parte de um dos Ministerios, e tendo positivamente o caracter de repartição do Estado, imprima os papeis que por lei forem julgados confidenciaes até á sua publicação: e queremos que todos os outros trabalhos sejam arrematados, em praça, á typographia que os fizer mais perfeitos e baratos, sem que a typographia do Estado deva concorrer, o que seria contra todos os principios de ordem e de moralidade.

Ao presente, a *Imprensa Nacional, senhora do monopolio* das obras do *Estado*, espreitando se qualquer estação, delle dependente, se aproveita de outro qualquer estabelecimento, promove, da parte do Governo, ordens, que nós desejáramos vêr publicadas, e sujeitas á discussão dos verdadeiros principios que regem a industria de qualquer nação.

Com o auxilio poderoso de taes obras — para as quaes a industria particular não póde concorrer — vem a Imprensa Nacional ao mercado concorrer nas obras dos particulares.

Esta situação é impossivel, porque é atroz, e porque é contraria a todas as noções da probidade commercial, que deve pesar as leis que regulam a concorrencia.

Exista a *Imprensa Nacional* como está, faça pagar ao Governo os trabalhos do Estado como lhe parecer — não deixe nem que as *listas da loteria* alimentem uma familia, que representa

ainda hoje um dos mais honrados e conhecidos nomes da nossa arte typographica, alcance com a sua vista policial os impressos do Hospital, que davam asylo a uma familia, faça baixar portarias a toda a parte onde chegar a sombra das pastas dos Ministros, para que tudo corra para os seus regios prélos; mas não venha depois com os proventos que dahi tira, quebrar-nos os braços para o trabalho dos particulares.

Se estas obras lhe convém, então deixe que os outros estabelecimentos concorram nas obras do Estado, e ainda assim as situações não ficarão eguaes. As typographias particulares não tem machinas de vapor, nem fundição.

Se o odioso monopolio se quer continuar, então seja vendido pelo Governo — arrematem a *Imprensa Nacional* — ponham em praça os privilegios, com que está dotada, e nós lhe asseguramos que não faltará quem lance no cofre do thesouro uma grossa somma por esse privilegio, que ao presente arruina um ramo de industria, sem dar nenhum proveito ao Governo.

O que fica dito, prova que a organisação da *Imprensa Nacional* é viciosa.

Mui de proposito não queremos confundir a administração com a instituição.

A nossa questão hoje é só com a instituição e nada temos com a sua administração; pois excellente ou pessima, quanto a nós, os resultados para a industria do paiz são sempre os mesmos.

Descendo mais pela analyse, vejamos como o vicio da organisação vae crescendo.

O direito pesado de importação, estabelecido para favorecer as fundições dos typos no paiz, reverte todo em favor da Imprensa Nacional.

Como o desinvolvimento typographico é imperceptivel, não provoca o estabelecimento de fundições, e a Imprensa Nacional, que tem consumo nos seus prelos para a sua fundição, não teme por este lado a concorrencia. Por tanto a justiça tambem reclama, ou que acabem os direitos prohibitivos sobre a importação do typo, ou que o Estado deixe de ser fundidor.

A *Imprensa Nacional* influe directamente na sorte precaria dos operarios typographicos, por que ministrando-lhe as obras do governo, meios para conservar um salario alto aos seus operarios, vem por meio da aprendizagem a lançar para as typographias particulares uma offerta desproporcionada de braços, que faz descer nesse estabelecimento o preço da mão de obra. Apesar disto o Sr. X. diz:

« A divida de sete ferias é falso, devem-se *apenas quatro*, e isto porque motivos ponderosos de todos bem conhecidos, tem privado a Imprensa dos meios que lhe pertencem. »

Ora perdoe-nos o Sr. X., que é uma incognita: nós que tambem podemos entrar em o numero dos *todos*, não conhecemos esses motivos ponderosos, nem sabemos quaes sejam os meios que pertencem á Imprensa Nacional, e de que esteja privada; e assignando o nosso nome aqui bem á luz da Imprensa, nos compromettemos a sustentar que a organisação do estabelecimento comprehende motivos ponderosos, que o põe na situação de não dever; e que longe de estar privado de nenhum recurso possue muitos contra os principios da justiça e da conveniencia publica, que devem reger as industrias de qualquer paiz.

Se ao menos, de todos os sacrificios da industria particular não resulta o pagamento regular dos operarios que trabalham na industria privilegiada, parece que o governo deve quanto antes nomear uma commissão para estudar os taes ponderosos motivos, e para descobrir os meios de que essa industria está privada, porque não é possivel descobril-os nos factos sabidos.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

SOCCORROS EM CASOS DE FERIMENTO.

Chamamos a attenção do publico, ácerca do interessante e mui util documento que em seguida publicamos, e esperamos que o nosso Conselho de Saude Publica siga tão salutar exemplo. —

112 Do *Journal des Debats* de 23 de outubro, tomamos o seguinte artigo:

« O Conselho de Saude acaba de publicar as seguintes instrucções sobre os soccorros que se devem prestar aos feridos.

« Quando em qualquer sitio publico fôr encontrada alguma pessoa ferida, os primeiros soccorros, em quanto não chega o facultativo, que cumpre sempre chamar immediatamente, são:

1.° *Em todos os casos*, levantar o ferido com precaução, e transportal-o n'uma paviola ao posto mais visinho, ou logar mais visinho onde se lhe possam ministrar soccorros.

2.° *No caso de ferida*, se tardar o facultativo, e houver apparencias de perigo, deve-se descobrir com tento a parte offendida, cortando os vestidos, se necessario fôr, com uma thesoura, afim de verificar-se o estado do ferimento. Com uma esponja ou panno molhado em agua fresca, se lavará a ferida para limpal-a do sangue ou corpos estranhos que possam deturpal-a.

3.° *Se fôr um simples golpe*, e tiver parado o sangue, concheguem-se as bordas da ferida, e conservem-se neste estado cobrindo-a com um pouco de tafetá, denominado encerado inglez, ou pontos de adhesivo, tendo o cuidado de os aquecer á luz de uma véla, ou ao calor de brazas para os amollecer e tornar pegajosos.

4.° *Nos casos de contusão* ou *inchaço*, devem applicar-se á parte offendida chumaços embebidos de agua fresca misturada com extracto de saturno na proporção de quinze a vinte gotas do extracto para um copo d'agua. Á falta do extracto póde supprir o sal commum. Os chumaços se conservarão no seu logar por meio de um lenço ou de qualquer ligadura medianamente apertada, banhando-os frequentemente para se conservarem humidos.

5.° Se houver copiosa perda de sangue, ou hemorrhagia pela ferida, procurar-se-ha suspendel-a pela applicação de bocados de isca, ou molhos de fios, seguros com a mão, ou por meio de um lenço ou ligadura que comprima só quanto baste, sem grande esforço.

Se o sangue esguichar de côr turva, ou escarlate e aos jactos, e o doente estiver pallido, desfallecido, ameaçado de morrer da hemorrhagia, importa fazer de seguida com os dedos uma forte compressão sobre o sitio donde brota o sangue: esta compressão será depois substituida por um tampo feito de isca, fios, ou panno, applicado sobre a ferida, ou acima della, e sustido por uma faxa bem apertada, mas não tanto que estrangule o membro do corpo a que se applica.

6.° *Se o ferido escarra ou vomita sangue*, é necessario deital-o de costas ou sobre o lado correspondente á ferida, com a cabeça e peito levantados, e seguros com muito geito, e fazer-lhe tomar pequenos goles d'agua fresca.

As feridas exteriores que verterem sangue, serão tapadas com um panno fino sobre ella, e molhos de fios e por címa chumaços e ligadura. Além disso, poderão applicar-se sobre o peito e na bôca do estomago chumaços embebidos em agua fresca.

7.° *No caso de queimadura* é preciso conservar e concertar com o maior cuidado as partes da epiderme levantada ou em parte arrancadas. Furar-se-hão as empolas com um alfinete para despejarem o liquido. Cobrir-se-ha depois a parte queimada com um panno fino barrado de ceroto ou molhado em oleo de amendoas doces, pondo-se por cima chumaços embebidos de agua fresca que se banharão a miudo.

8.° *No caso de entorse* convém mergulhar, sendo possivel, n'um banho de agua fresca, a parte achacada, conservando-a nelle por muito tempo, e renovando a agua á medida que aquecer. Se a parte não podér ser mergulhada n'agua, cumpre cobril-a e embrulhal-a com chumaços embebidos d'agua, que se manterão frescos, banhando-os de continuo.

9.° *Nos casos de deslocação*, é mister evitar com o maior cuidado, que o doente faça com a parte do corpo offendida, qualquer movimento repentino e prolongado. Convém limitar a collocar e sustentar essa parte na posição menos dolorosa para o doente, esperando assim pela chegada do cirurgião.

10.° *No caso de fractura*, é necessario evitar, ainda mais que no de deslocação, todo e qualquer movimento inutil; na conducção do ferido deverá pôr-se a maior cautela no modo de o levar e segurar.

Se a fractura fôr de braço, do antebraço ou da mão, chegar-se-ha esta parte ao corpo mui de vagar, e será sustentado por meio de lenço ou fita, como vulgarmente se diz, ao peito, e na posição menos penosa para o doente.

Se o mal é na coxa ou na perna, depois de collocado o enfermo n'uma paviola ou na cama, se estenderá com precaução o membro fracturado sobre um travesseiro, segurando-o por meio de duas ou tres fitas sufficientemente apertadas pela parte do travesseiro. Tambem se poderá, por falta daquelle recurso, chegar a perna doente á sã, e unil-as ao comprimento sem as apertar muito, mas de modo que a perna sã ampare a outra e previna mais desarranjo da fractura. Um dos objectos importantes é suster o pé, não o deixando pender para dentro ou para fóra.

11.° *No caso de syncope ou perda de sentidos.* Primeiro que tudo desapertem-se os vestidos, desatem-se todos os vinculos que possam opprimir o pescoço, o peito e o ventre. Deite-se o enfermo horisontalmente, com a cabeça medianamente erguida; e procure-se reanimal-o por meio de fortes aspersões de agua fresca sobre o rosto, e de fricções com vinagre nas fontes e em roda do nariz. Passe-se-lhe tambem pelo nariz um frasco de ammoniaco, mas sem lh'o demorar junto das ventas; façam-se fricções na região do coração com agua-ardente camphorada, ou outro qualquer licôr espirituoso. Estes soccorros n'alguns casos devem prolongar-se por muito tempo, para que o atacado torne á vida. Se este perdeu muito sangue, ou está frio, façam-se-lhe fricções geraes no corpo com flanella, cubram-no cuidadosamente, e aqueçam-lhe bem a cama.

Quando a syncope começa a desvanecer-se e o doente recobra o uso de suas faculdades, póde-se-lhe fazer engolir agua assucarada, e com algumas gotas de licôr espirituoso.

Quando a perda dos sentidos é acompanhada de feridas consideraveis no craneo, limitem-se a collocar o enfermo na situação mais commoda, com a cabeça medianamente levantada, a conservar-lhe o calor do corpo, sobretudo dos pés, e a esperar pelo medico.

Se o doente estiver em estado de embriaguez, que pareça perigosa pela agitação extrema que o excita, ou pela anniquilação das forças, poderão fazer com que tome aos golos, com alguns minutos de intervallo, um copo de agua levemente assucarada addiccionando-se-lhe dez a quinze gotas de ammoniaco. Se podér obter-se *acetato d'ammoniaco*, esta substancia, na dose de vinte a vinte e cinco gotas, deverá ser preferida ao ammoniaco. A subministração de qualquer destas preparações poderá ser repetida uma vez se fôr preciso.

Cumpre advertir que um grande numero de pessoas, á roda dos feridos ou dos que precisam de qualquer modo soccorros, é sempre nocivo. Para se tornarem efficazes, estes soccorros devem ser ministrados com presença de espirito e socego, e appropriados exactamente aos differentes casos especificados nas presentes instrucções.

Lido e approvado na sessão de 6 de setembro de

1850. — Begin, vice-presidente — Trebuchet, secretario.

Visto e approvado. — Paris 19 de setembro de 1850. — O prefeito da policia, *P. Carlier*.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXVIII.

O capitão Aniceto Muleta.

(Continuado de pag. 79.)

113 Quando sahiu da galeria, o capitão Aniceto Muleta achou-se só, n'uma sala espaçosa e escura, com porta para uma pequena escada que descia para a praia.

Depois de ter lançado em roda de si escrutador e vacilante olhar, de ter percorrido todos os cantos á casa, levantado todos os reposteiros, tacteado todas as paredes e moveis, o honrado miliciano, que reunia ás suas outras prendas o ter uma curiosidade insaciavel, resolveu aproveitar-se da situação, em que o acaso o collocára, para buscar descobrir algum segredo de Sua Alteza, ou algum dos fios da trama politica que, dizia-se, se andava urdindo dentro do Corte-Real. Agachando-se, espalmando-se contra a parede, cobrindo-se com a ponta de um reposteiro, encrustando-se por assim dizer no canto mais escuro da sala, o Muleta, detendo a respiração a paralisando os movimentos, fechou os olhos para ouvir melhor, e esperou.

A principio ouviu as ruidosas gargalhadas do Infante e dos fidalgos, que zombavam e escarneciam delle, ornando-lhe o nome de epithetos e apodos, que em nada lisongearam o seu amor proprio, antes lhe enraizaram no coração odio e desejos de vingança profundos, inextinguiveis, mas impotentes. Passados porém alguns minutos, as gargalhadas cessaram, e uma bulha de passos, que se iam afastando, fez perceber ao Sr. Aniceto que os fidalgos sahiam da galeria. Por um momento elle suppoz que as esperanças que concebêra de descobrir, alli mesmo algum dos segredos de D. Pedro, haviam sido baldadas, e que a sua temeraria curiosidade servíra só para o fazer penar algums minutos mais; porém um clarão tremulo que, penetrando por debaixo dos reposteiros, veio traçar no chão, junto ás portas que davam da sala para a galeria, estreitas orlas de luz, e o som lento e compassado dos passos de um homem, que ora parecia aproximar-se, ora afastar-se delle, excitaram-lhe de novo a curiosidade; e, encostando-se á parede, caminhando nas pontas dos pés, e aproveitando para pôr o pé no chão a ocasião em que sentia na galeria algumas passadas, o capitão de milicianos aproximou-se d'um dos reposteiros por onde entrava luz, e ahi, applicando o olho a uma fendasinha, pôde vêr o que se passava na caza de armas de Sua Alteza.

Com os braços cruzados sobre o peito, a cabeça um pouco caida para diante, os olhos baixos, a testa enrugada e como assombrada pela inquietação e pela tristesa, o Infante percorria lentamente a galeria na sua maior extensão. Nenhum signal de alegria havia já n'aquelle rosto, pouco antes animado pelo riso da zombaria: a melancolia, que as historias do Conde da Torre e do Muleta haviam desvanecido por algum tempo, parecia querer agora, condensando-se no espirito de D. Pedro, ganhar o tempo perdido. A expressão sinistra e carrancuda, que notou na physionomia do Infante, fez estremecer o Sr. Aniceto de susto e de esperança ao mesmo tempo: elle comprehendeu que a colera de Sua Alteza devia de ser uma terrivel colera, e teve susto; percebeu que, se Sua Alteza falasse naquelle instante, revelaria alguns dos seus mais secretos pensamentos, e teve esperança.

Tendo observado por algums instantes os movimentos lentos e a grave physionomia de Sua Alteza, o Sr. Aniceto Muleta alargou cautelosamente com os dedos a fenda do reposteiro, para vêr se na galeria havia alguem mais: quando sentiu que o seu observatorio tinha as dimensões necessarias e a conveniente situação, aproximou um olho da pequena fresta e proseguiu na inspecção, que havia começado já com tão feliz exito. Olhou para todos os lados sem descobrir nada que lhe satisfizesse a curiosidade; no fim, porém, tendo voltado um pouco a cabeça e feito uma pregasinha no reposteiro, deu com o terrivel Conde da Torre, metido no vão de uma janella, silencioso e immobil como uma estatua. Ouriçaram-se-lhe algum tanto os cabellos e pela espinha desceu-lhe vagarosamente um calafrio.

O Infante e o Conde não diziam palavra um ao outro. Sua Alteza passeava, o General permanecia immobil; mas ambos pareciam esperar alguma coisa, porque de minuto a minuto vol-

tavam os olhos para uma das portas da galeria.

O resposteiro dessa porta agitou-se em fim, e D. Luiz de Menezes, Conde da Ericeira, que o capitão de milicianos reconheceu logo porque muitas vezes o tinha visto no exercito do Alemtejo, entrou precipitadamente. O Infante parou no meio da casa, e, estendendo a mão que o Conde da Ericeira beijou pondo um joelho em terra, perguntou:

— Que novidade ha, Conde; que me queres?

— Sáio agora mesmo do Paço, onde El-Rei me mandou chamar.

— Para quê? O que te queria meu irmão?

— Apenas recebi a ordem de Sua Magestade, metti-me n'uma liteira, e corri ao paço — respondeu o Conde. — Estava-me esperando na sala dos Tudescos Francisco Banha, o Tenente do Mestre de Campo General, que, por ordem de El-Rei, me levou a uma das camaras mais isoladas do palacio. Perguntei-lhe se sabia o que Sua Magestade queria de mim, mas elle, respondendo-me apenas com uma mesura, saíu, fechando a porta por fóra com o ferrolho, e deixou-me só, um tanto assustado e afflicto.

— Que te queria El-Rei?

— Estive duas horas esperando pelas ordens do Sr. D. Affonso VI; e já começava a desconfiar que me queriam deixar alli preso, para...

— Para te castigar, de que crime?

— Do crime de respeitar e servir V. A., senhor.

— Pois já é um crime tão grande o servir-me, que mereça castigo de prizão?

— Os conselheiros de Sua Magestade assim o pensam. O que acaba de me succeder no paço, deu-me a esse respeito um desengano formal.

— Como é que saiste da camara em que te fecharam?

— Passadas duas horas, como ía dizendo a V. A., senti abrir a porta. Era Antonio Banha que voltava, trazendo-me um papel por ordem de Sua Magestade.

— Um papel!

— Sim, meu Principe; um papel em que se dizia, pouco mais ou menos, o seguinte: «Sua Magestade manda dizer a V. S., que está informado de que V. S. foi Quarta-Feira passada ao Côrte-Real, e de que S. A. o levou á sua galeria das armas, e lhe offereceu as armas que estão na dita galeria: ordena S. M. que V. S. declare, em baixo deste papel, que partido pertende seguir, se o de S. M., se o de S. A.»

— E que respondeste tu a esse insolente papel?

— Respondi o que devia, meu Principe.

— O valido quer affastar de mim todos os meus amigos! — bradou Sua Alteza. — O Conde de S. João já lá vae para Traz-os-Montes; o Conde da Torre tem ordem para partir depois de amanhã para Santarém; o meu D. Rodrigo querem tirar-mo, para o mandarem para a India; a ti querem affastar-te de mim com ameaças...

— Não o conseguirão.

— Bem sei, Luiz de Menezes; bem sei. Mas isto não póde soffrer-se por mais tempo.

— Tem V. A. rasão — accudiu o Conde da Torre; que até ali se havia conservado callado, mas não sem dar vivos signaes de impaciencia e de cólera. — Um só tiro de mosquete póde dar a paz a este reino; não é pois justo que todos estejamos padecendo, que todos sejamos impunemente deshonrados.

— A Rainha, pobre senhora! tambem é victima da desmedida ambição do Castello-Melhor — disse o Infante, em voz tremula e sumida. — O valido persuadiu a meu irmão, que a nobre princeza queria governar tudo, dispôr de tudo na corte, e, como receia que a justa cólera de Sua Magestade lhe faça um dia ter o castigo que elle merece, procura por todos os modos afastar El-Rei da sua real esposa.

— Os escandalosos amores do Sr. D. Affonso VI com a Calcanhares ainda continuam? — perguntou o Conde da Torre.

— É da Calcanhares que o valido se tem servido, para combater a influencia que a Rainha tem estado por vezes a ponto de adquirir sobre o espirito de meu irmão — disse o Infante.

— Ha poucos dias, Sua Magestade a Rainha, depois de uma viva questão com o Sr. D. Affonso, recolheu-se aos seus quartos, dizendo que não queria tornar a vêr mais o valido.

— As coisas estão, ao que parece, muito mudadas hoje no paço — atalhou o Conde da Ericeira. — A noticia de que Sua Magestade vae dar um herdeiro á corôa...

A estas palavras D. Pedro empalideceu, e com voz convulsa, exclamou:

— A Rainha está de esperanças! Ainda mo não participaram.

— Foi hoje que essa noticia se espalhou no paço. El-Rei e o Conde de Castello-Melhor foram dar os parabens e cumprimentar Sua Ma-

gestade; e, quando eu saí agora da minha prisão, dizia-se que tinha havido uma reconciliação entre os reaes esposos.

— E o Conde?

— O Conde teve a honra de beijar a mão á Rainha.

— A Rainha de esperanças! — murmurou Sua Alteza, deixando-se cair sobre uma cadeira.

— Como nos poderemos livrar da tyrania do valido, agora que elle tem o apoio de El-Rei e que a Rainha lhe perdoou! — exclamou D. Luiz de Menezes.

— Não ha que hesitar — accudiu o Conde da Torre. — É preciso dar por uma vez cabo do valido, para não sermos victimas do seu implacavel odio. O Castello-Melhor mandou sem hesitação assassinar o pobre Francisco d'Albuquerquer; e nós, quando se tracta de salvar a honra e talvez a vida de V. A., de assegurar a independencia de Portugal, havemos de fazer escrupulo em lhe dar o castigo que elle, pelos seus crimes, merece!

A nova, que o conde da Ericeira trouxera do paço, pareceu tão extraordinaria, tão inesperada ao Infante, destruiu-lhe tão inopinadamente as esperanças, resfriou-lhe tanto a ardente paixão, que a formosura da Rainha lhe accendêra na alma, causou-lhe simultaneamente tal dôr, tal desconsolo, tal mágua, tal desesperação, que por alguns instantes elle não pôde nem pensar, nem movêr-se; ficou privado da voz e do sentimento. As palavras porém do conde da Torre foram-lhe, direitas ao coração, acordar o odio e o desejo cruento de procurar na vingança alivio e desafogo. Levantou-se de pulo, e com os punhos fechados, a bôca espumando de raiva, Sua Alteza, bradou:

— Castiguemos o Castello-Melhor; demos cabo de todos os validos. Vinguemos por uma vez todas as affrontas. É uma deshonra para um filho de D. João IV soffrer tamanhas offensas, sem punir os que ousam faltar-lhe ao respeito, desacatal-o á face da côrte! Quero dar uma licção aos validos e aos máus Reis, que fique de memoria no mundo.

Esta cólera tremenda de Sua Alteza pôz o sr. Aniceto Muleta em tal convulsão de terror, que sentiu o chão fugir-lhe debaixo dos pés viu chispas de fogo saltarem-lhe diante dos olhos, e, segurando-se com uma das mãos á hombreira da porta para não cair, viu-se obrigado a agarrar o queixo com a outra, para que na galeria se não ouvissem os estalos, que os dentes lhe davam batendo uns nos outros. O desgraçado Aniceto não podia perceber, porque o desgosto do Infante por vêr quasi baldadas as esperanças de ser herdeiro da corôa de Affonso VI, se havia transformado em cólera contra o Conde de Castello-Melhor: e não é para admirar que um capitão de milicianos não percebesse esta singular transformação, quando o proprio D. Pedro a não saberia explicar.

É certo que o espirito humano, quando se lhe apaga uma esperança ou o abandona um sentimento, tem extraordinarias aberrações, delira, por assim dizer, nos limites da razão, vagueia por todas as paixões em busca de alguma coisa, que possa substituir a esperança ou o sentimento destruido. Assim o Infante D. Pedro buscava desafogar as suas máguas, dando largas a um cégo odio contra o valido, odio que nós, avaliando devidamente os successos e os homens daquelle tempo, devemos reputar, até certo ponto, injusto, e causado antes pelo fogo de ruins paixões, e pela acção corrosiva de astuciosos conselhos, do que por offensas que o Castello-Melhor lhe houvesse feito; porque essas, se as houve, foram de tão pouca monta, que, ao historiador consciencioso, difficil será consideral-as como justificação bastante das violencias que contra o ministro de Affonso VI praticaram o Infante e os do seu partido.

— Tem V. A. razão — accudiu o Conde da Torre, interrompendo os clamores do Infante. — É dever de um principe magnanimo, como V. A., o ensinar ao mundo de que modo se castigam ambiciosos validos.

— O Castello-Melhor não hade, como o irmão, o Simão de Sousa, escapar-se-nos impunemente das mãos.

— Depois d'amanhã é sabbado — insinuou o Conde da Torre: — e aos sabbados o valido vae de madrugada ao convento da Madre de Deus, desacompanhado, quasi só.

— É possivel ahi, sem que se saiba...

— Fazer-lhe justiça.

— Mas a cólera de meu irmão...

— De homem morto só os herdeiros se lembram.

— Senhor, consulte V. A., antes de tomar uma decisão tão grave a D. Rodrigo de Menezes — disse com voz trémula o conde da Ericeira, que tinha enfiado durante este rapido dialogo do Infante com o conde da Torre.

— Tens mêdo? — perguntou abruptamente o Infante.

— V. A. bem sabe, que eu nunca em minha vida mereci que me chamassem medroso — respondeu D. Luiz de Menezes baixando respeitosamente a cabeça, e recuando alguns passos.

— Bem sei, bem sei — accudiu o Infante estendendo-lhe a mão. — És, sempre te tens mostrado, um valente e nobre fidalgo.

O conde da Ericeira sem responder, beijou a mão que Sua Alteza estendêra para elle, e tornou a recuar alguns passos.

— D. Rodrigo de Menezes váe tardando — disse o conde da Torre. — São quasi sete horas, e começo a receiar...

— Que o mandassem assassinar! É de mais, tens razão, Conde: estar sempre com receio de perder os meus amigos, de os ver sacrificados por minha causa, é uma coisa que eu não posso tolerar já.

— O Castello-Melhor...

— Confio-te, Conde, a desafronta da minha honra, offendida por esse malvado.

— E se El-rei quizer vingar...

— Silencio. Eu fico por tudo — atalhou o Infante. E voltando-se para o Conde da Ericeira repetiu: — Silencio! Nem uma palavra a este respeito.

Neste momento o Sr. Aniceto Mulcta, que estava já mais morto do que vivo, ouviu um ligeiro ruido de passos na escada que dava para a praia. Mal elle se havia escondido por detraz de um reposteiro, quando dois vultos atravessaram rapidamente a sala, e, levantando o reposteiro por onde elle estivéra espreitando, entraram na galeria.

Apenas se viu só, o capitão de milicianos, caminhando pé ante pé, encostado ás paredes, e sem respirar, desceu a escada, abriu a porta que dava para a praia, e deitou a correr para o Terreiro do Paço.

Só quando se viu fóra do Côrte-Real é que o Sr. Aniceto teve animo para tomar folego, e meditar sobre as vantagens e perigos da sua melindrosa situação.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

A FILHA DE JEPHTE.

(Traduzido de Byron.)

(HEBREW MELODIES.)

114

Oh meu pae! já que Deus, e a nossa patria
Requerem que pereça tua filha;
Pois que a victoria te brotou do voto,
Eis o meu seio nú, valor! traspassa-o!

Já dei fim ao meu pranto e aos meus queixumes
E não mais me verão estas montanhas:
Se a mão que amo e respeito me derruba,
Todo o amargo do mal se desvanece!

Crê-me, oh pae, de tua filha o sangue é puro
Como a benção que imploro antes que o verta,
E a idéa que final me ri na terra.

Embora de Salem chorem as virgens,
Sê juiz, sê heroe inabalavel!
Hei ganho para ti a gram batalha,
Meu pae e a patria minha são já livres!

Oh! quando o sangue teu que em mim circula,
Escoado se houver, e a voz que amavas
Não tornares a ouvil-a, em todo o tempo
Seja a minha memoria o teu orgulho;
Lembre-te sempre que expirei surrindo!

L. F. LEITE.

A LITTERATURA.

X.

(Continuado de pag. 94.)

115 Se porém no conceito de Hallam, os romanos não estabeleceram a sua lingua na Inglaterra, confessa todavia que conseguiram isso cabalmente nas Gallias e nas Hispanhas, por meio de uma *mudança gradual*, e não por uma *innovação repentina e arbitraria*; e depois accrescenta estas mui significativas palavras: « Mais, « de ce que les habitants de ces provinces finirent « par adopter si bien ce latin pour leur langue « naturelle, qu'on ne pouvait peut-être découvrir « dans leur dialecte usuel que quelques légères « traces de leur ancien idiome celtique, *il ne « s'ensuit pas qu'ils parlassent cette nouvelle lan- « gue aussi purement que les Italiens, et bien « moins encore que leur prononciation corres- « pondît aux sons écrits avec cette précision que « nous considérons comme essentielle à l'expres- « sion du latin.* »

Crê-se, e é facil demonstrar, que ainda nos seculos da mais pura latinidade, existia alguma differença entre a lingua escripta e a lingua fallada, nem outra coisa poderia succeder, visto

como a severidade das regras da pronunciação necessariamente havia de ser modificada pela rapidez do discurso, maiormente na conversação, embora não o fosse nos discursos publicos, em que se empregavam escrupulosamente os preceitos dos rethoricos. Ora se o rigor das regras grammaticaes se afrouxava na conversação de pessoas polidas, por força de maior razão se daria esta circumstancia na linguagem do povo, de Roma e da Italia, e ainda muito mais na do povo das provincias affastadas.

Ainda isto não é tudo. Nos proprios tempos da mais pura latinidade, diz Hallam, serviam-se os habitantes de Roma de um grande numero de termos, que hoje consideramos como barbaros, e de um grande numero de locuções que hoje regeitariamos como modernas. Nem se póde conceber que fosse do uso geral essa syntaxe extremamente complicada, elliptica, obscura, e avara das partes destinadas a ligar o discurso, — syntaxe a que apenas se conformavam os mais apurados escriptores. Seria difficil particularisar hoje com individuação as differenças existentes entre o latim do povo e a linguagem polida, castigada e sabia de Cicero e Seneca; mas póde affirmar-se affoitamente que muitas palavras dos idiomas latinos modernos, que nos parecem estranhas á etymologia latina, se derivam de expressões que estavam em uso no seculo de Augusto, bem como, que certas locuções repugnantes á delicadeza dos entendidos, andavam no uso da lingua vulgar, e de lá passaram para o francez, italiano, etc. taes como certas proposições para indicar a relação entre duas partes da phrase, relação que um classico exprimiria por meio de inflexões.

Além do exemplo das proposições, appresenta Hallam outros, e nesta parte traduziremos seguidamente o que elle diz, porque a sua doutrina confirma e acclara alguns pontos que tocámos nos artigos antecedentes.

« A difficuldade de marcar bem a distincção « dos tempos parece ter dado origem ao verbo « auxiliar activo, sendo possivel que o fossem « buscar ás linguas teutonicas dos barbaros, e « que estes e os nacionaes o adaptassem a pa- « lavra de origem latina. A decomposição facil « de todas as especies de tempo da voz passiva « produziu o auxiliar passivo, que os gregos por « vezes empregavam, e de que os latinos usa- « ram mais frequentemente. — Não se descobre « tão facilmente a justeza da applicação dos ac- « tivos *habeo* e *teneo*, um ou outro dos quaes, « e até ambos juntamente, foram adoptados nas « linguas modernas como auxiliares do verbo. « Ha todavia casos em que esta decomposição « se explica muito bem, e póde suppor-se que « povos, pouco attentos á etymologia ou á cor- « recção da linguagem, applicaram, por uma « grosseira analogia, o mesmo verbo em casos, « em que rigorosamente não devia ser empre- « gado. »

« Depois das mudanças relativas á pronunciação, « e á substituição dos auxiliares ás inflexões do ver- « bo, o emprego dos artigos definido e indefinidos « antes dos nomes parece ter sido o passo mais « agigantado da transição do latim para as lin- « guas derivadas. O latim é, creio eu, a unica « lingua que não teve artigos, e esta falta a que « os romanos estavam habituados, havia de ser « um obstaculo insuperavel a povos que tinham « necessidade de traduzir o seu idioma nacional « em latim. É de crer que os habitantes das pro- « vincias romanas empregassem os termos *unus*, « *ipse*, ou *ille* para supprirem o artigo ainda « que grosseiramente; e que depois da introduc- « ção da grammatica das hordas teutonicas, « adoptassem uma corrupção que enchia uma « lacuna real e consideravel.

« . . . . . Antes de haver o latim cessado de ser « lingua viva, já as leis da quantidade haviam « sido olvidadas, passando a ser substituidas pela « pronunciação accentuada. . . Sirvam de exemplo « os seguintes versos de Commodianus, auctor « christão, que vivia antes do fim do seculo III, « segundo uns, ou no reinado de Constantino, se- « gundo outros:

Prœfatio nostra viam erranti demonstrat,
Respectumque bonum, cum venerit sœculi meta,
Œternum fieri, quod discredunt inscia corda.
Ego similiter erravi tempore multo,
Fana prosequendo, parentibus insciis ipsis.
Abstuli me tandem indé, legendo de lege.
Testificor Dominum, doleo, proh! civica turba
Inscia quod perdit, pergens deos quœrere vanos.
Ob ea perdoctus ignaros instruo verum.

« É assás provavel que Commodianus escrevia « em Africa, provincia onde a pureza do latim « estava mais alterada. No fim do IV seculo atacou « S. Agostinho os Donatistas, seus inimigos de « antiga data, com as mesmas armas quasi que « Commodianus tinha empregado contra o paga- « nismo; mas já a esse tempo a melodia elegante « e variada do hexametro estava fóra do alcance

« do vulgo, e por isso adoptou outra rima:

Abundantia peccatorum solet fratres conturbare;
Propter hoc Dominus noster voluit nos prœmonere,
Comparans regnum cœlorum reticulo misso in mare,
Congreganti multos pisces, omnes genus hinc et inde,
Quos cùm traxissent ad littus, tunc cœperunt separare,
Bonos in vasa miserunt, reliquos malos in mare.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

24 a 31 de Outubro.

DIARIO N.º 252.

116 Aviso de que foi concedido a Guilherme Terry o privilegio por espaço de cinco annos, como introductor de uma machina de ondear e lustrar todos os tecidos de seda, lã, algodão e linho.

DITO N.º 254.

Portarias a respeito da intelligencia da Lei que estabeleceu o imposto das estradas.

DITO N.º 255.

Decreto regulando a execução da Carta de Lei de 27 de Julho de 1850, pela qual foram creados impostos especiaes para a feitura e conservação da Doca no areal de S. Francisco na ilha de S. Miguel.

DITO N.º 257.

Mappa resumido do desenvolvimento das obras das Estradas do Reino com referencia ao terceiro trimestre de 1850.

O COMMERCIO DO PORTO.

117 O Porto não se parece com outra nenhuma terra de Portugal. A vida que por toda a parte parece faltar, desenvolve-se no Porto com actividade espantosa. Correndo pela cidade, parece sentir-se o palpitar do coração daquelle povo, que ama a Patria, como adora as santas crenças da Religião de seus avós: — ouve-se o bater das veias desse corpo moral, que pelo trabalho se ennobrece e se faz respeitado.

O Porto é um dos poucos templos em que no mundo, a trindade religiosa é venerada pela trindade da civilisação material. É uma das mais religiosas terras do reino para onde afflue o mais valioso producto da nossa agricultura, e onde o commercio é poderoso e a industria fabril representa já avultados e numerosos interesses. O seu corpo de commercio é digno de ser considerado, como um dos que mais sabe comprehender e desempenhar os seus deveres.

A Associação Commercial do Porto, uma das mais benemeritas Associações de Portugal, representa dignamente o commercio dessa cidade. As suas relações proximas e repetidas com o commercio inglez, tem dado a esta Associação uma direcção desconhecida pelas outras Associações do nosso paiz.

Quando se folheam os relatorios dos seus trabalhos, não se póde duvidar que estes constituem elementos indispensaveis para a historia economica de Portugal. Alguns pensamentos governativos de grande alcance tiveram origem na Associação Commercial do Porto; algumas instituições de utilidade publica ahi foram lembradas: muitas opiniões valiosas, muitos conselhos aproveitaveis lhe deve a nação.

É na presença de um monumento com que o commercio do Porto acaba de enriquecer a cidade de que é a maior honra, que os serviços da Associação, que o representa, nos assaltaram o pensamento.

O Porto que ainda não tem uma alfandega, mas que já tem um bello e apropriado palacio para o seu Banco, tem agora uma Praça de Commercio elegante e sumptuosa.

No dia 28 de Outubro se abriu o novo edificio. Ao meio dia se reuniu a direcção da Associação Commercial, tomando a Presidencia o Sr. Barão de Massarellos, o qual, em um mui bem apropriado discurso, tributou o maior louvor á illustre commissão das obras do edificio. Em virtude da proposta do Sr. Commendador Aguiar, se resolveu que o retrato de Sua Magestade a Rainha seria inaugurado na salla principal da Praça. Egual resolução foi tomada ácerca do retrato de Sua Magestade El-Rei, em virtude de proposta do Sr. Barão de Massarellos.

Tendo-se lavrado acta desta sessão, a direcção se dirigiu á rua Ferreira Borges, e então se abriram as portas do bello edificio que vae servir de reunião quotidiana ao Commercio do Porto. A Direcção foi recebida pela Commissão das obras. O Presidente da Direcção, chegando á porta, descoberto, declarou com voz intelligivel a grande numero de negociantes presentes que — a Praça se abria nesse momento para todos os negociantes.

Esta ceremonia, que tanto honra o Porto, foi eloquente, pela sua simplicidade e respeito.

Registamos com prazer este facto, que lison-

geia as simpathias que nos ligam ao Porto, e a estima, em que temos o seu honradissimo corpo commercial.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

OS CATHOLICOS EM INGLATERRA.

118 O *Catholico* de Madrid escreve o seguinte:

«Nas actas do Consistorio celebrado em 30 de setembro, notariam os leitores uma circumstancia bem digna de attenção, e vem a ser o titulo de arcebispo de Westminster, conferido ao cardeal Wiseman. Até agora a Inglaterra catholica estava dividida em vigaigarias apostolicas, a cargo de bispos, mas considerados *in partibus*. Presentemente dividiu-se aquelle paiz em bispados titulares; e como os anglicanos tomaram para seus bispos os titulos que anteriormente alli tinham os bispos catholicos, afim de não se confundirem uns com outros, os bispos catholicos tomaram o titulo de algumas cidades ou sitios notaveis, immediatos á capital da sua residencia. Nesta conformidade, é que em vez de bispo de Londres, foi nomeado Mr. Wiseman arcebispo de Westminster, abbadia celebre que existira n'um dos arrabaldes de Londres.

Eis algumas noticias curiosos que encontramos em correspondencias de Roma, de recente data.

«Haverá dois ou tres annos que o santo padre tratava de restabelecer as antigas cadeiras episcopaes de Inglaterra, e abolir os vicariatos apostolicos, substituindo-os pelos bispados titulares. O estado do catholicismo, cada dia mais florescente, e o seu progressivo e rapido desenvolvimento na ilha dos santos, tornavam indispensavel esta medida; e talvez a viagem de Mr. Wiseman a Roma em 1847 já se encaminhasse ao mesmo resultado. Por occorrencias politicas não poude então terminar-se este importante negocio. O soberano pontifice aproveitou a actual presença de Mr. Wiseman em Roma, e a sua promoção ao cardinalato, para levar a cabo aquelle projecto.

Não podendo, pois, dar ao novo cardeal o titulo de bispo de Londres, logar *occupado* já por um bispo anglicano, erigiu a sede archiespicopal em Westminster, e tomou dest'arte a dianteira ao governo inglez, que pela sua parte cogita dividir em duas a diocese de Londres, cuja população não é inferior a dois milhões de almas. E na verdade, que para fundação da metropole catholica de Inglaterra não podia escolher-se mais adequado logar.

Westminster é um arrabalde da capital, o com o titulo de arcebispo desta localidade, o cardeal Wiseman será o arcebispo catholico de Londres, e evitou-se um conflicto com o governo inglez, que seria sempre embaraçoso. O mesmo se fará respectivamente a Manchester, estabelecendo-se o bispado n'uma cidade contigua. — Por tanto, o santo padre supprimiu os oito vicariatos apostolicos que havia em Inglaterra, e erigiu doze sés episcopaes seguintes: — Southwark, Plymouth, Clifton, Newport e S. Daird, Shrewsbury, Birmingham, Nottingham, Northampton, Beverley, Hexham, Liverpool e Salford.

Por maneira que os titulos das novas circumscripções diocesanas, não tem relação alguma com os antigos, de que se apoderou, como já dissemos, a egreja anglicana protestante.

OIRO PESCANDO COBRE.

119 Tudo se conspira em Portugal contra o amor pelo trabalho.

Não basta que a falta da tão urgente dotação da beneficencia publica, nos faça ouvir no pregão das loterias da Misericordia uma provocação para a indolencia: não basta que em uma terra da Provincia, como ainda ha mezes noticiou o *Jornal do Povo*, se rife um cavallo com todo o ceremonial de uma loteria permittida; — não basta que os jornaes ultimamente vindos das Ilhas, contenham a nova de que as propriedades tambem se rifam; não basta a loteria de Hispanha a seduzir por todo o reino o desejo de ser rico — por ultimo, não basta que as publicações litterarias se convertam em loterias desfarçadas, — era ainda mister que, as companhias da California, censuradas por toda a imprensa da França, ahi estendam a sua rêde para pescar os nossos cobres, afim de que sejam isca que possa attrahir o oiro da California. — Como os annuncios para a venda de acções de companhias da California começam a ser publicadas nos jornaes, esperamos que as Auctoridades Administrativas e o Governo, sobre este ponto, e outros que apontamos, cumpram os seus deveres. Sendo o assumpto grave, a elle voltaremos em o seguinte numero.

RECOMPENSA AO ZELO E AO MERITO.

120 A Sociedade dos Amigos das Letras e Artes em S. Miguel, enviou ao fundador daquella Sociedade, o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, uma medalha de oiro, primorosamente gravada naquella ilha, tendo no anverso as armas da Sociedade, a saber, uma Minerva com emblemas de letras e artes, e o mote evangelico — *Se queres, pódes:* — e no reverso, esta inscripção — *A Sociedade dos Amigos das Letras e Artes em S. Miguel ao seu fundador, A. F. de Castilho.*

Acompanhava a remessa desta rica medalha uma delicada carta ao mesmo Sr. e que abaixo publicamos.

Este facto, honroso para a Sociedade e para o Sr. Castilho, é mais uma demonstração do muito que o Sr. Castilho fez em proveito da instrucção publica naquella ilha.

Para mostra da verdade do que avançamos, diremos mais que, por cartas que ultimamente recebemos, daquella ilha, consta-nos que as escholas de instrucção primaria e gratuita, em que se ensina pelo *Methodo de Leitura Repentina* do Sr. Castilho, continuam a ser frequentadas por grande numero de creanças, operarios e criados de servir, sempre com os mesmos admiraveis resultados, e que brevemente se ia proceder, de novo, a exames e distribuições de premios.

São alli já quatro as escholas de leitura gratuitas, sustentadas pela Sociedade, e regidas pelos Socios. — A primeira na cidade de Ponta Delgada — a se-

gunda na Villa da Alagoa — a terceira no logar da Candelaria — a quarta no logar da Maia.

O agrado e facilidade daquelle ensino são taes, que até homens cazados e velhos vão, á noite, sentar-se entre as creanças a aprender, e aprendem.

De uma carta que temos presente, daquella ilha, do Sr. Leite, extrahimos o seguinte paragrapho que vem a proposito: —

«Hoje já se não póde duvidar de que só a preguiça « é que affecta não crer nesta innovação, mas a pre- « guiça muito mal entendida como bem adverte o au- « ctor no prologo da sua leitura Repentina — *pois que « por este methodo se lhes forra trabalho, cançasso e « aborrimento.* »

Segue a

Carta.

Ill.mo Sr.

A Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel, a que tenho a honra de presidir, tomando na devida consideração os relevantissimos serviços, que a V. S.ª deve, como seu Fundador e Incansavel Protector, resolveu, em Assemblea Geral de 3 de Março do corrente anno, offerecer a V. S.ª uma medalha de oiro, em testimunho do seu eterno reconhecimento, que tenho a honra de remetter nesta occasião a V. S.ª por mão do nosso Consocio, o Sr. Ernesto do Canto.

Em nome da mesma Sociedade, rogo a V. S.ª se digne acceitar esta sua fraca offerta; e approveito esta occasião para lhe desejar grande somma de felicidades.

Deus guarde a V. S.ª Secretaria da Presidencia da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em Ponta Delgada, 16 de Outubro de 1850.

O Presidente

JOSÉ PEREIRA BOTELHO.

MEDITERRANEO E O MAR-ROXO.

121 Extracto da sessão da Academia das Sciencias de Paris, em 7 do corrente outubro.

« Muito se tem fallado, ha annos a esta parte, na necessidade da communicação do Mediterraneo com o Mar-Roxo. A inspiração dos diversos projectos que successivamente foram preconisados e esquecidos, foi devida ao desejo de facilitar ainda mais as relações commerciaes entre a India e a Europa. O meio que naturalmente lembrava primeiro, e que não escapou á remota antiguidade, era o córte do isthmo de Suez que liga a Africa e a Asia.

No entanto dois motivos poderiam induzir a modificar a direcção que conviria dar a essa empreza. — Os trabalhos de nivelamento effectuados em 1799 pelos engenheiros que fizeram parte da gloriosa expedição franceza ao Egypto, elevavam a perto de 10 metros a differença de nivel entre os dois mares, circumstancia que para a execução de um canal demandava mui consideraveis obras de arte, que seria forçoso construir para o estabelecimento de numerosas presas, trabalho difficil n'um paiz em que o transporte dos materiaes era já um grave obstaculo, accrescentado aos que resultavam da mobilidade do terreno por onde o canal deveria abrir-se.

Por outra parte, indicando os vestigios do antigo *Canal de Trajano* e os do *rio de Ptolomeu* pela sua juncção atravez dos *lagos Salgados*, que existira communicação em eras remotas entre o Nilo e o Mar-Vermelho, era tambem natural investigar se cumpriria preferir esta ultima direcção, visto que tivera a sancção da experiencia n'uma épocha e sob o influxo de uma civilisação, que viram realisar tantas e tão admiraveis obras de interesse geral. Porém, esta antiga via de civilisação tinha, e devia na realidade ter, por objecto satisfazer as necessidades do Egypto; quando hoje se ligam com similhante empreza os interesses da Europa juntamente com os das populações asiaticas mais importantes. Era, pois, indispensavel que a questão do nivel dos dois mares fosse definitivamente esclarecida. É o que acaba de fazer Mr. Bourdaloue.

Este habil engenheiro fez estudos de nivelamento para determinar com exactidão as elevações do solo na passagem do isthmo de Suez, e do centro do mesmo isthmo ao Cairo e aos portos do Nilo. Estes estudos, começados em 1847 na intenção do estabelecimento de um canal entre o Mediterraneo e o Mar-Roxo, são de alta importancia para a geographia, e parecem decisivos na questão, ainda em nossos dias obscura, relativa ao canal que existiu antigamente entre o Nilo e o Mar-Roxo.

Os resultados principaes do nivelamento de Mr. Bourdaloue differem muito dos que obtiveram em 1799 os engenheiros da expedição franceza, como póde avaliar-se pelas seguintes quantidades:

	1799	1847
Baixamar no forte de Tineh.....	0,m00	0m00
Preamar de aguas vivas em Suez..	9,m90	2m27
Baixa das aguas do Nilo em Mekias de Roudah	5,m29	13m23

Comprehender-se-ha esta differença de resultados, reflectindo-se que os engenheiros da expedição, reduzidos a servirem-se de instrumentos defeituosos n'um paiz inimigo, instados pelo pouco tempo que tinham á sua disposição, foram muitas vezes constrangidos a suspender o trabalho, e de mais disso, não poderam verifica-lo. A enorme differença que acharam entre o Mar-Roxo e o Mediterraneo devia sobretudo parecer inverosimil; mas, de algum modo confirmada pelos textos de alguns auctores da antiguidade, entre outros Aristoteles, Diodoro Siculo e Plinio, postoque contradictos por Estrabão.

O nivelamento de 1847 foi posto em pratica sob mui diversas condições. Mr. Bourdaloue, que tem longo exercicio de trabalhos deste genero, foi auxiliado por alguns collaboradores industriados por elle mesmo; e empregou instrumentos aperfeiçoados segundo suas proprias idéas e construidos expressamente para aquelle fim. O Vice-Rey do Egypto poz á disposição do engenheiro uma escolta consideravel e todo o material de acampamento necessario no deserto: póde portanto trabalhar com perfeita segurança, e com todas as commodidades que faltaram aos que o precederam. Além da perfeição dos instrumentos tomou in-

variavelmente precauções minuciosas para evitar quaesquer erros.

No systema de Mr. Bourdaloue a linha que se ha de nivelar é percorrida simultanemente por dois observadores, que partem ao mesmo tempo do mesmo ponto, munidos de seu nivel, dois porta-miras etc. Operam independentes um do outro, mas de modo que venham reunir-se aos espaços de dois ou tres kilometros percorridos para combinarem as observações: se a differença não excede 12 millimetros, limite que uma longa experiencia deu a conhecer como a mais conveniente, a operação continua, senão torna a começar-se no ponto de reunião precedente. — Um nivelamento assim dirigido, é constantemente verificado, e póde contar-se com a sua exactidão.

Espera-se que o trabalho de Mr. Bourdalone decida a final a execução de uma empreza, ha tanto tempo esperada.

THEATRO DE D. MARIA II.

122 È hoje 7, o beneficio do Asylo de Mendicidade. O Sr. Eugenio Mazzoni prestou-se a concorrer com o seu brilhante talento para este beneficio, e tocará no pianno, com a mestria de que já tem dado provas. É de esperar que a concorrencia seja brilhante, pois que o Asylo é um estabelecimento que merece a protecção de todas as classes.

BOLETIM COMMERCIAL.

123 — *Praça de Lisboa.* — Dos fundos publicos tem havido muita procura no mercado. Os 5 por cento já foram vendidos a 48½. Acções do Banco de Portugal, 370$000 réis. Fundos de amortisação, 32 por cento. Desconto de Notas 280 réis.

BIBLIOGRAPHIA.

Recommendar uma obra do Sr. Garrett, sería desconhecer o que se deve, não só a um dos primeiros escriptores de uma épocha, mas a um dos primeiros da historia litteraria de uma nação. É este o motivo, porque hoje nos limitamos a um annuncio, que julgamos uma das melhores novas, que os nossos leitores podiam receber.

124 O ARCO DE SANT'ANNA, *Chronica Portuense*, publicada por *J. B. de Almeida Garrett.*

Publica-se o segundo volume deste romance ha tanto tempo esperado com impaciencia.

Subscreve-se em Lisboa, em casa dos Srs. Viuva Bertrand e Filhos, aos Martyres; no Porto, em casa do Sr. Moré; em Coimbra, em casa do Sr. J. A. Orcel.

Póde-se dizer desta obra que o auctor, na primeira parte della, pouco mais fez do que desenhar com bastante correcção, e collorir com mais propriedade ainda, o fundo historico do seu quadro, povoal-o de muitas figuras, umas sérias, outras burlescas, mas todas interessantes: começava a pôl-as em movimento, quando de repente parou, e nos deixou naquella estalagem ou taberna de Gaia em frente da cidade invicta, com o povo amotinado ao norte do Doiro, o bispo e a sua procissão do lado do sul cantando tranquillamente as ladainhas.

Cinco annos são passados sem sabermos o que foi feito da bella Anninhas, da sua amiga Gertrudes, de Vasco, e da feia bruxa que o está fascinando.

Se o bispo tornou para o paço, se a bernarda dos caldeireiros gorou ou foi por deante, e conseguiu acclamar o — Senatus Populusque Portucallensis — sobre as ruinas do throno episcopal; se a seraphica pansa de Fr. João da Arrifana, o municipal abdomen de Martin Rodrigues, mettidos cada um em sua cuia da balança conseguiram restabelecer o equilibrio do estado, e fazer reinar, com o braço e baraço de Perocão, a ordem de Varsovia naquella inquieta terra do Porto — ou se vem ElRei D. Pedro, que se comeu a polpa da ostra e deu metade da casca a cada um dos litigantes... tudo isto saberemos em fim, porque a historia conclue nesta segunda parte ou volume, que vae publicar-se.

O segundo volume do ARCO DE SANT'ANNA é o 12.° da edição uniforme das obras do Sr. Almeida Garrett. Todas as outras que faltavam se teem reimpresso successivamente em terceira e quarta edição, e se acham em casa dos Srs. Bertrands, e mais casas já mencionadas.

Está no prélo uma nova, muito melhorada e muito mais correcta edição da DONA BRANCA, formando o 13.° volume das mesmas obras.

ALMANAK POPULAR PARA 1851.

Sahiu á luz o Almanak para 1851, contendo, além da folhinha, muitos artigos de interesse, e um calendario comico-prophetico.

Vende-se por 160 réis nas lojas do costume.

ENSAIO BIOGRAPHICO-CRITICO sobre os melhores poetas portuguezes, por José Maria da Costa e Silva.

Esta obra, a primeira deste genero que apparece em nossa lingua, contém a historia da Poesia Portugueza, desde o principio da Monarchia, até aos nossos tempos, com todas as noticias que poderam achar-se a respeito das Pessoas e vidas de cada um dos Poetas, classificados pelas Escholas a que pertenceram, e juizo critico sobre as suas obras, e amplas citações dellas, para que os leitores conheçam os fundamentos dos juizos do Auctor, e avalial-as per si; podendo além disso, por este modo, tomar conhecimento de muitos escriptos, que são hoje raros, e por isso pouco conhecidos até dos Litteratos.

Este volume tem 302 paginas em formato de 8.° francez — o seu custo são 480 réis, pagos no acto da entrega.

Recebemos este volume.